

## ***O Professor de Classe e a Música***

- reflexões sobre a relação do Professor de Classe com o desenvolvimento musical de sua classe na Pedagogia Waldorf -

## ***O Professor de Classe e a Música***

- reflexões sobre a relação do Professor de Classe com o desenvolvimento musical de sua classe na Pedagogia Waldorf -

***Livia Gomes Ferreira Campanholi***

*Artigo final para conclusão do curso Antropomúsica*

*Botucatu, janeiro de 2013*

*À oportunidade de realização desse curso eu agradeço. Sua conclusão teve inspiração original em meus alunos da Escola Waldorf São Paulo; mas o apoio do meu amado Flávio e amigos: Elisângela B. Baesso, Débora Pupo, Tatiana Rafaelli, Maria Emília e Ezequiel Sieba foram particularmente importantes. A eles eu agradeço com muito carinho. Em especial também à minha orientadora, Meca Vargas, aos coordenadores do curso: Anni Metzler, Verônica Brunis e Marcelo S. Petraglia, e aos colegas professores músicos das Escolas Waldorf pelo Brasil que gentilmente participaram de minha pesquisa: Alexandre Guilherme(Poá/SP), Cláudio Eustáquio (Brasília/DF), Daniela Munafó (SP/SP), Erika Andrade (Ribeirão Preto/SP), Eduardo Rompa(Piracicaba/SP), Fernando Claudio(Capão Bonito/SP), Lucas Moreira (Dendê da Serra/BA) e Rui Aragão (Niterói/RJ).*

***“Fazendo o bem,  
nutres a planta da humanidade;  
Produzindo o belo,  
espalhas as sementes  
do que é divino”.***

*Schiller*

## ***Introdução***

O presente trabalho de conclusão de Curso de Formação em Antropomúsica tem por objetivo estudar e refletir sobre a dinâmica estabelecida entre o Professor de Classe com o desenvolvimento musical de sua classe do ensino fundamental, na Pedagogia Waldorf.

Como sabemos, a Pedagogia Waldorf possui um currículo pautado nos conhecimentos da Antroposofia sobre o desenvolvimento humano e tem no elemento musical um aliado disponível a esse fim. Assim sendo, a música ressoa por toda a escola desde o jardim de infância até o décimo segundo ano escolar. Se espera que cantem e toquem instrumentos musicais: as crianças, os jovens e os professores.

A música permeia os ritmos, os conteúdos, os festejos de épocas anuais, acompanha e harmoniza as práticas de euritmia<sup>1</sup> etc. Os difusores dessas práticas são os Professores. Quais professores!? Pergunto isso pois creio que a música em si mesma pertence a todos e a priori qualquer um desejoso por promovê-la pode executá-la. Digo executá-la. Como aquele que domina minimamente os princípios técnico-musicais e reconhece a importância descrita por Rudolf Steiner(1861-1925) sobre a relação saudável da música com o ser humano utilizando-a para exprimir sua sensibilidade e o conteúdo formativo.

Entretanto, Ensinar música, a quem cabe essa função? Responderia-me o senhor(a) leitor(a): \_ Quem “sabe” música. E completaria a resposta: \_O professor de música! Parece óbvio, até mesmo para mim que escrevo. Mas a realidade não se apresenta tão linear quanto gostaríamos que fosse; encontramos escolas que se ressentem da falta (total ou parcial) ou da irregularidade de professores especialistas ao longo dos anos e também nem todos podem garantir a participação em cursos de formação em Antroposofia ou mesmo no Antropomúsica, deixando com isso de aprofundar-se nos princípios dessa pedagogia. De outro lado, encontramos professores de classe envolvidos na busca contínua de desenvolvimento de si mesmos em várias áreas do conhecimento e suas classes. Em sua maioria, por maior que seja a admiração

---

<sup>1</sup> Euritmia: prática corpóreo-musical-recitativa elaborada por Rudolf Steiner para fins pedagógico-curativo; idealmente exercitada desde o jardim de infância no ambiente escolar e em sessões terapêuticas especiais.

e a contemplação musical, o conhecimento teórico/prático é diminuto. Temos um quadro de polaridades estabelecido, de um lado a princípio teríamos o conhecimento da Pedagogia Waldorf e de outro o conhecimento técnico específico em Música. Em prol do desenvolvimento harmonioso da classe, como aproximar essas potencialidades?

Como professora de classe desejo através desse estudo, meditar um pouco mais a respeito de alguns temas que vibram em mim, como:

- o auto desenvolvimento musical do professor de classe;
- o seu conhecimento antroposófico musical e as relações formativas que a música edifica no ser humano; e
- contribuições do professor para o desenvolvimento musical de sua turma, sem ferir o âmbito de trabalho e atuação do professor especialista.

Em si mesmos cada um dos tópicos acima abre um campo de pesquisa e não nos cabe aqui respondê-las em definitivo, mas sim formular algumas indagações. Veremos se tratar de um tema amplo e complexo. Para isso, recorri à obra de Rudolf Steiner para nortear os parâmetros da pesquisa. O desenvolvimento do ser humano e de sua consciência, tendo como base a Antroposofia (um tema que já me interessa desde a conclusão do curso de formação para professores Waldorf) perpassa todo o caminho do estudo para a compreensão dos princípios da Pedagogia Waldorf; para podermos compreender e caracterizar o currículo e o papel artístico-musical do professor.

Este estudo não pretende fornecer um tratado sobre o tema. Representa somente a pesquisa curiosa de uma professora Waldorf, com o intuito de fazer sua prática coerente e fundamentada. Tão pouco existe uma perfeição epistemológica do ponto de vista fenomenológico, visto a falta de tempo para uma revisão hábil sobre o próprio desenvolvimento da pesquisa e de seus resultados.

Pretendo com isso sim fortalecer em mim, como professora, o valor do ato pedagógico, no âmbito musical; elucidar dúvidas didáticas e encaminhar uma parceria frutífera com os colegas especialistas musicais.

Palavras Chave: Antroposofia, Música e Professor de Classe.

## ***Desenvolvimento***

*“A cada imagem do passado  
corresponde uma do presente”  
Rudolf Steiner*

A imagem que podemos estabelecer sobre o Professor de Classe e a sua relação com a música só pode ser compreendida se inserida nesse artigo num contexto bem particular: *Pedagogia Waldorf*. E por consequência: *Antroposofia*<sup>2</sup>, como princípio ideológico que a norteia. Vejamos.

A *Pedagogia Waldorf*, criada por Rudolf Steiner<sup>3</sup>(1861-1925) surge na Alemanha do início do século XX (1919), para atender à demanda educativa dos filhos de funcionários da fábrica de cigarros Waldorf Astoria; uma vez que o seu diretor, Emil Molt, estudando a *Antroposofia*<sup>4</sup> (Conhecimento sobre o Homem) desejava uma resposta a essa demanda baseada nessa perspectiva. A partir de tal percepção de desenvolvimento humano a Pedagogia estabelece suas práticas de forma tal que todas as práticas e ordem dos elementos formativos, dos conteúdos, das matérias e dos ritmos ao longo das épocas e anos escolares, possam se voltar para o auxílio a um ideal formativo que possibilite ao homem atingir a Liberdade.

Nesse contexto a Música, como vivência e material de estudo, também é observada a partir desses princípios; até porque, nas observações espirituais de Steiner (1999 e 2003), ela expressa elementos importantes em prol dessa formação integral do ser humano. Dessa forma nas Escolas Waldorf a música ressoa em todos os níveis de

---

<sup>2</sup> Do grego: Antropos= homem / Sophia= sabedoria. Como Cosmovisão acerca do Ser Humano e do Universo compilada por Rudolf Steiner no início do século XIX. A sede mundial deste movimento centraliza-se no Goetheanum, situado em Dornach, Suíça.

<sup>3</sup> Filósofo austríaco, fundador da Sociedade Antroposófica Universal e da Escola Superior Livre de Ciência Espiritual. Nascido em 27/02/1861 em Kraljevec, na fronteira austro-húngara. Falecido em Dornach, Suíça, em 30/03/1925. Produziu obra de aproximadamente 350 volumes e 6 mil palestras abordando temas pertinentes às Artes, Medicina, Agricultura, Pedagogia, Economia, Farmácia, Eiritmia, entre outras.

<sup>4</sup> Também elaborada por Rudolf Steiner(1861-1925).



ensino, desde o jardim de infância até o décimo segundo ano escolar. Ocorre então, de forma geral, um ambiente musical fértil, com cantos e práticas instrumentais<sup>5</sup> realizados pelas crianças, os jovens e os professores. Outra prática específica da Escola Waldorf que necessita do suporte musical é a prática em Eurytmia. Com isso percebemos o quanto a música é um elemento forte em todo contexto escolar.

Os agentes promotores da música são os professores, de classe e de música a priori. A interação harmoniosa dos mesmos garante um ritmo musical bem saudável no ambiente escolar. Essa, por sua vez, é uma decisão individual em favor da Parceria, Respeito e Diálogo. Temos a impressão de que o conhecimento dos princípios da Antroposofia e da pedagogia Waldorf aplicados à música podem ampliar o potencial produtivo e curativo dessa parceria, reforçando-se com isso a cultura musical na escola.

A Antroposofia busca compreender cientificamente a ciência natural ampliando-a sob a perspectiva do Campo Espiritual; aceitando assim um caráter espiritual evolucionista. O cerne desses estudos, em diferenciadas áreas no âmbito da vida – da qual a pedagogia se insere, é o Ser Humano. Assim sendo, o verdadeiro conhecimento sobre a entidade humana só pode ser caracterizado a partir da percepção de sua *origem espiritual*. Toda a obra de Rudolf Steiner perfaz esse estudo tendo como base essa premissa; ele, detalhando as características humanas, declara em uma de suas obras fundamentais:

“... a *entidade humana* se compõe de quatro membros: o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o portador do eu. O *eu* atua dentro dos três outros membros, transformando-os. Mediante tal transformação nascem, num nível inferior, a alma da sensação, a alma do intelecto e a alma da consciência; num nível mais elevado da existência humana, formam-se a identidade espiritual, o espírito vital e o homem-espírito. Esses membros da *natureza humana* se encontram nas mais variadas relações com a totalidade do Universo, a cuja evolução está ligada a deles próprios. É observando essa evolução que se adquire uma compreensão dos mais profundos enigmas da entidade humana”. (Steiner, 2006, pág. 103)

---

<sup>5</sup> Em algumas escolas, até mesmo os pais se organizam e participam musicalmente dos eventos escolares.

O conteúdo é profundo e extenso. Temos, então, alguns parâmetros mínimos para o estudo de nosso tema, uma vez que só podemos compreender o valor da *Música* tendo em vista ser ela uma realização humana; portanto, também materialização de uma realidade espiritual.

### **Evolução da Humanidade - do Cosmo à Individualidade**

No capítulo intitulado Presente e futuro da evolução cósmica e humana, Rudolf Steiner, em seu livro “A Ciência Oculta” (2006), perfaz um resumo desse conteúdo, já tratado em capítulos anteriores do mesmo, e expande a consciência do leitor para a questão. Notemos algumas informações relevantes; como por exemplo, a afirmação do autor de que existe uma estreita relação dos acontecimentos no presente com o passado e, por consequência, com os que ainda estão por vir. Diz o autor literalmente (pág. 287): *“A cada imagem do passado corresponde uma do presente”*. Cada fato impressiona e mobiliza o sentir e o querer humano, assim sendo o estudioso espiritual não poderá observar os elementos da vida de forma isolada.

Rudolf Steiner na “Crônica do Akasha”<sup>6</sup>, por sua pesquisa espiritual, elaborou a compreensão do ‘princípio do princípio’, remontando um passado muito distante de caráter pré-material. Buscar compreender a evolução e o desenvolvimento da consciência humana pelo percurso fenomenológico exige de nós a atitude de abstração mental para termos uma compreensão aproximada dos conteúdos acessados. Como o nosso objetivo nesse trabalho é outro, escolhemos um ponto específico no passado para, a partir dele, desenvolver o nosso pensamento: o aparecimento do homem. Não do homem como o concebemos hoje! Partimos da premissa que, tal como a Terra passa por ciclos de transformações, também o homem passa por estágios reencarnatórios<sup>7</sup>. Rudolf

---

<sup>6</sup> Registro cósmico espiritual (vide “A Crônica do Akasha”).

<sup>7</sup> Uma importante constatação, é a de que, não há a menor semelhança nas condições ‘externas’ das ‘encarnações’ anteriores da Terra entre si (nem tão pouco do homem) se comparadas ao nosso mundo atual. Portanto, cabe ao leitor compreender o tema acompanhando a elucidação racional dos acontecimentos narrados por Steiner em sua obra magna “A Ciência Oculta” (2006).

Lanz em “Noções básicas de Antroposofia” (1997) resume alguns pressupostos característicos dessa evolução anterior, a seguir.

Nesse demorado processo, a Terra e o Homem passaram por grandes transformações e, ao longo de todo o percurso, ocorreu uma progressiva densificação da matéria. Todo esse tempo foi nomeado por Steiner (2006) de evolução (Saturnina, Solar, Lunar e Terrestre) e épocas (Lemúria, Atlântica e Pós-Atlântica, essa última com suas subdivisões, nas quais a nossa história humana conhecida se situa).

A evolução do homem e da Terra não dependeu do próprio homem, desde o início houve a atuação plasmadora e diretora de espíritos muitíssimo evoluídos que nos fizeram evoluir. O homem foi o primeiro a ser desenvolvido e todos os demais seres vieram após ele (minerais, vegetais e animais); constituindo uma evolução sim, mas diferenciada da teoria evolucionista de Darwin - os seres mais avançados já existiam desde o princípio e os menos evoluídos chegaram gradativamente à Terra primeiramente, pois essa não oferecia as condições para a existência humana.

De acordo com o ‘programa cósmico’, alguns seres que não alcançaram o mesmo nível de desenvolvimento ficaram, vamos dizer assim, ‘para trás’. Naquele momento, o ‘homem’ ainda não possuía o livre arbítrio, não sendo responsável por seus atos; assim sendo, essa “desclassificação” não foi por sua culpa ou mérito próprio. Tudo, no entanto, fez parte do plano superior a fim de garantir a sobrevivência humana na terra à medida que esse foi se afastando das realidades espirituais.

O primeiro germe não individualizado do corpo físico humano – vontade expressa em forma de calor - foi emanado através do autossacrifício dos Espíritos de Vontade ou Tronos. Nessa peregrinação humana, os corpos (físico, etérico, astral e eu) foram sendo preparados por atuação de outras hierarquias espirituais e se relacionavam a elementos físicos particulares como: de calor primeiramente, forma gaseiforme e aquosa. O mais novo corpo a se fazer presente na corporalidade humana foi o Eu (portanto, mais imperfeito) e o mais velho, o corpo físico (essencialmente o mais harmônico de todos). Vale ressaltar que esses acontecimentos se deram em antiquíssimos períodos de evolução terrestre e do sistema solar. Steiner (2006), quando discorre sobre o estado terrestre atual, nos relata:

*“No estado terrestre está contido o que se desenvolveu dos anteriores estados saturnino, solar e lunar. O homem terrestre encontra ‘sabedoria’ nos processos que se desenvolvem ao seu redor. Essa sabedoria está aí inerente como resultado do que aconteceu antes. A Terra é a descendente da ‘antiga Lua’, a qual, com tudo o que lhe pertencia, formou um ‘Cosmo da Sabedoria’. A Terra é agora o início de uma evolução pela qual se adiciona uma nova força a essa sabedoria. Ela leva o homem a sentir-se membro independente de um mundo espiritual. Isto decorre do fato de seu eu ter sido modelado pelos Espíritos da Forma, no âmbito terrestre, do mesmo modo como seu corpo físico o foi pelos Espíritos da Vontade, em Saturno, seu corpo etérico pelos Espíritos da Sabedoria, no Sol, e seu corpo astral pelos Espíritos do Movimento, na Lua.*

*É da colaboração entre os Espíritos da Vontade, da Sabedoria e do Movimento que surge o elemento manifesto como sabedoria. Na sabedoria os seres e os processos terrestres podem sintonizar com os demais seres de seu mundo graças ao trabalho dessas três classes de espíritos. Por intermédio dos Espíritos da Forma, o homem recebe seu eu autônomo. No futuro este se harmonizará com os seres da Terra, de Júpiter, de Vênus e de Vulcão, graças à força que se incorpora à sabedoria mediante a evolução terrestre. Trata-se da força do amor. É no homem da Terra que essa força do amor deve iniciar-se; e o ‘Cosmo da Sabedoria’ está evoluindo para um ‘Cosmo do Amor’.”(2006, pág. 296 e 297)*

Esses corpos que compõem a entidade humana - *físico, etérico, astral e eu* - atuam em outros três membros – *a alma da Sensação, a do Intelecto e a da Consciência*, que por sua vez também foram se desenvolvendo no correr desse processo; esses corpos habilitaram a encarnação humana na Terra e preparam para o futuro a formação da *identidade espiritual, o espírito vital e o homem-espírito*.

Pois bem, como consequência do acréscimo de novos ‘corpos’ e seu aperfeiçoamento sob a influência de seres superiores, desenvolveu-se um paulatino *despertar da Consciência* humana. Ou seja, cada vez mais os conceitos de responsabilidade e moralidade se impregnaram no ser humano. As qualidades de autoconsciência, do intelecto, de amor pela Terra e o livre-arbítrio só foram possíveis ao

homem mediante a influência de seres ‘negativos’ - Lúcifer<sup>8</sup> e Arimã<sup>9</sup> - que o afastaram do caminho original.

O fim maior dessa grandiosa epopéia é a volta do homem à pátria espiritual por seu próprio esforço, em sentimento de amor e com consciência, em busca da perfeição moral, uma vez dotado de livre arbítrio<sup>10</sup>. A proteção espiritual não cessou ao homem, mas cabe a ele buscar essa relação com esse plano suprassensível. Exemplificando essa condição, observemos o trecho a seguir:

*“Nesta encarnação da Terra (o quarto de seus grandes ciclos evolutivos), a tarefa do ser humano é tornar-se Homem, isto é, adquirir o quarto membro de sua entidade: o eu. O germe desse eu é recebido de seres superiores qual uma dádiva, para em seguida crescer e desenvolver-se pela atividade de um conjunto de entes espirituais. Uma das qualidades intrínsecas do eu é o livre-arbítrio, que simplesmente não poderia ser dado ou constituir fruto de uma direção: ele teve de nascer mediante opções e tentações. Mesmo almejando o desenvolvimento dessa qualidade, os seres espirituais tiveram de retrair-se e esperar o que sucederia. O possível era zelar para que o homem não fosse esmagado por forças adversas – justamente as que, dentro de certos limites, deviam conduzi-lo à liberdade. “Zelar” significava, nessas condições, o seguinte: observar e, na medida do necessário, estar presente para que o homem pudesse optar entre alternativas de igual peso.” (Lanz 1995, pág. 108)*

Para não ousarmos perder a objetividade a que se presta este trabalho e nem tão pouco simplificarmos um conteúdo tão profundo quanto o exposto por Steiner (2006), escolhemos verificar um pouco melhor um trecho dessa evolução que nos servirá na

---

<sup>8</sup> Rudolf Lanz (1997, pág. 55), baseado na obra de Steiner (2006), pontua que o exercício do livre arbítrio no homem só lhe foi ofertado após a influência de seres Luciféricos sob seu corpo astral em aperfeiçoamento. Naquele momento os homens estavam se afastando da realidade superior e esses seres espirituais, após ‘queda do paraíso’, passaram progressivamente a ‘alienar’ o homem do seu meio ambiente, conduzindo-os a processos de conscientização mais profundos. Derivam daí outras consequências como nos diz o autor: *“... a separação provocou defeitos cada vez mais graves em toda a sua organização: o eu e o corpo astral tornaram-se fontes de cobiças e maus instintos, o corpo etérico passou a apresentar doenças e fraquezas e a morte fez sua entrada na Terra, como necessidade de um descanso regenerador”*. A narrativa arquetípica religiosa da ‘Expulsão do Paraíso’ tem sua base nesse acontecimento primordial. Na atualidade, esses seres atuam em todos os processos que levam o homem à alienação e à perda da consciência, com entusiasmo e êxtase desmedidos, levando-os ao irracionalismo.

<sup>9</sup> Esse grupo de espíritos trouxe para o homem as impressões de erro, medo, mentira, morte, enfim os sentimentos perniciosos ao desenvolvimento humano. E na atualidade exercem grande influência ainda no pensamento racional e no desenvolvimento científico-tecnológico desenfreado.

<sup>10</sup>

compreensão ampliada do tema do trabalho. Consideremos o período pós cataclismo que marcou o fim da antiga Civilização Atlântica.

Segundo nos conta Steiner (2006) em sua pesquisa espiritual, após esse acontecimento sucederam-se na evolução da humanidade alguns estados de consciência humana correspondentes aos períodos de predomínio de civilizações-pilares do conhecimento histórico humano, que ele didaticamente agrupou em períodos: Proto-Índico ou Antiga Índia; Proto-Persa; Egípto-Caldaico; Greco-Latino e o quinto período, o Atual. Ainda estão por ocorrer mais dois períodos evolutivos da humanidade, o sexto e o sétimo, marcados por profundas transformações advindas da espiritualização que o homem alcançar por seu próprio trabalho (vide Steiner 2006, pág. 295).

Em “Passeios através da História”, Rudolf Lanz (2004), tendo como base a obra supracitada, desenvolve o assunto e aponta que o fim da Atlântida se dá na época do Dilúvio, correspondente à narrativa religiosa de muitas civilizações. Não por menos, o nome do grande iniciado atlante que guiou os imigrantes, Manu, ressoa linguisticamente em outras culturas como Noé (da Bíblia), Manitu (dos índios Norte-americanos), Manas (do Hinduísmo), Menes (Egito) e Minos (Creta, na Grécia).

O período Proto-Índico se localiza num tempo muito distante às das civilizações históricas conhecidas, por volta de 7.200 a 5.000 a. C., mas as narrativas religiosas e filosóficas foram influenciadas por esse período. A disposição social dos homens em castas derivou desse momento quando os homens eram divididos segundo o grau de pureza e elevação espiritual. Num momento de percepção sensorial muitíssimo diferenciada de nossos tempos, a ligação clarividente e a percepção suprassensorial dessa civilização davam-lhes a compreensão da percepção física da Terra como que uma ilusão ou Maya. Daí o desejo por retornar à pátria espiritual, cortando os laços que os uniam ao plano terreno. Naquele momento, a consciência humana estava intimamente relacionada com a realidade espiritual. Steiner (2006, pág. 200) relata também que advém, desse período, a ideia errônea da Reencarnação que se espalhou pela Europa, Ásia e África, devido à comunicação, feita pelos iniciados extraviados de Atlântida, dos ensinamentos suprassensíveis aos homens ainda imaturos para tal compreensão.

Gradualmente, o processo de separação do homem com a vida espiritual se processara no decurso dos tempos, possibilitando assim a sua ‘materialização’ cada vez mais articulada, tendo em Arimã e Lúcifer<sup>11</sup> forças que atuam em favor dessa separação. O tempo equivalente ao período Proto-Persa, segundo período de evolução, se estende de 5000 a 2900 aC. Nesse período, a humanidade, já mais ‘encarnada’, possui outra relação com a Terra e a natureza que lhe é percebida; tanto é, que data desse período a domesticação de animais e o cultivo dos cereais. Os homens se afeiçoaram à Terra e desejaram dominá-la; sem perderem, com isso, a consciência da existência dos mundos espirituais e de sua constituição espiritual. A figura líder dessa civilização é personificada pelo iniciado Zaratustra<sup>12</sup> - o inventor dos processos de domesticação e cultivo da terra. Como conhecedor de que a sede dos Exusiai, o Velho Sol, era o Centro do Mundo, ele difundiu a representação dualista da luta entre o bem e o mal – base de muitas religiões – tendo de um lado o grande Espírito Solar - Ahura Mazdao-Ormuzd ou “*Grande Aura do Sol*”, Espírito de Luz representante das forças do bem, precursor do Cristo na Terra como nos diz Steiner (2006, pág. 203), e do outro lado como força adversa o deus das Trevas – Árimã (Angra Mainju), marcada pela adoração do Fogo ou do Sol.

A atuação do próximo período, o Egípto-Caldaico ou terceira época Pós-Atlântica, se expressa profundamente na constituição do que Steiner (2006) chama ‘Alma da Sensação’ nos seres humanos encarnados em todas as civilizações daquele tempo; mesmo que esse desenvolvimento não tenha ocorrido de forma equivalente para todos os homens, segundo o seu grau de evolução da consciência. A Alma da Sensação<sup>13</sup> promoveu nos homens uma capacidade diferenciada de lidar com o mundo através da percepção, a partir dessa época nasce uma atitude curiosa e investigativa em relação ao mundo perceptivo; entretanto, a percepção de uma realidade espiritual se manteve, e o homem de então se percebe em relação com os dois planos: físico-terrestre e o suprasensorial. Alguns homens guardavam essa sabedoria iniciática em templos de

---

<sup>11</sup> Em “A Ciência Oculta” Steiner (1861-1925) define o que são e expõe sobre a influência dessas entidades sob o desenvolvimento terrestre e humano desde o seu período germinal.

<sup>12</sup> Segundo Rudolf Lanz (1995, pág. 35), o iniciado ‘Zaratrusta’ citado, apesar de homônimo, não é o personagem histórico ‘Zaratrusta’ contemporâneo de Buda.

<sup>13</sup> “Enquanto o Corpo Astral, instrumento das percepções e estados anímicos, transmite e produz objetivamente as impressões, a alma da sensação transforma-as ativamente em vivências subjetivas, já que nela se manifesta o eu – e tudo isso ainda sem qualquer intervenção do pensar, do intelecto e, conseqüentemente, da alma do intelecto.” (Lanz, 1995, pág. 45), explicando a atuação da Alma da Sensação.

mistérios e, comumente, exerciam funções de chefes religiosos e políticos de seus povos, com forma teocrática e de caráter rígido, tradicionalista, estável, o que gerou uma homogeneidade em vários setores da vida, mas que também inspirou um profundo respeito, veneração e amor pelos seres e forças do mundo superior, especialmente nas obras artísticas egípcias. Lanz (1995, pág.46) observa que as sensações como: “*agradável – desagradável*”, “*benéfico – nocivo*” advinham da vivência própria dos processos e, da observação repetida, nasciam as representações, os costumes e as tradições. Ou seja, é característica da humanidade desse terceiro período a realização através de imagens não por conceitos abstratos, formando assim uma consciência mítica ou pré-lógica advinda da participação nos processos. Os homens sentiam a necessidade de transpor à Terra, em forma artística, a perfeição, a harmonia e o bem que percebiam como sendo a essência dos mundos divinos. Steiner (2006, pág. 206) nos esclarece que:

*“...era a missão da humanidade pós-atlântica desenvolver em si as faculdades anímicas que podiam ser adquiridas pelas forças intelectuais e afetivas despertas, não movidas diretamente pelo mundo espiritual, e sim surgidas pelo fato de o homem observar o mundo sensível, adaptar-se a ele e transformá-lo pelo trabalho. A conquista desse mundo físico-sensível por aquelas faculdades humanas deve ser considerada como a missão da humanidade pós-atlântica. De etapa em etapa, essa conquista progride”.*

A denominação escolhida pela Antroposofia – Egípto-Caldaico - ressalta duas significativas civilizações de então por expressarem melhor esse período histórico humano. Não por menos, nos círculos acadêmicos há correntes que entendem a História humana a partir de então, sendo todo o processo anterior considerado Pré-história, segundo nos relata Lanz (1995, pág. 39). Essa se estendeu aproximadamente entre 2907 a 747 a. C. e as transformações e progressos da humanidade daquele período têm nas hierarquias superiores a sua fonte de atuação, segundo o autor, elas estavam “*empenhadas em conduzir paulatinamente o homem à plena realização de sua essência*” (Lanz, 1995, pág. 41). Outro dado importante de se verificar sobre o período é o fenômeno de ‘*Individualização*’ dessas grandes Culturas em detrimento das demais e do período ‘*pré – histórico*’. A partir de 3000 a. C. a humanidade se agrupou em culturas



distintas<sup>14</sup> com características peculiares, fato que anteriormente não havia ocorrido; a humanidade era até então “*una, homogênea e relativamente inconsciente*” (1995, pág. 41). Nesse novo momento de desenvolvimento, cada civilização elabora a sua índole e suas manifestações culturais particulares, com língua comum e tradição de expressões artísticas demarcando sensação de existência grupal, esse fenômeno representa exatamente o desenvolvimento da consciência humana. Por esse fator de individualização cultural e da diferenciada compreensão do tempo, frutos do amadurecimento da consciência humana, é que advém por exemplo, desse período, os primórdios da Escrita como fato social e de uma música devocional e de instrumentos musicais mais estruturados, para fins ritualísticos a princípio.

*“Tal sensação de unidade passou a estender-se também ao Tempo. Nasceu a vaga sensação do “antes” e do “depois”, e com ela o impulso de fixar o presente e conservá-lo para o futuro. Esta foi a origem da escrita sob todas as suas formas. Com boas razões, muitos historiadores consideram o aparecimento da escrita como sinal da entrada de um povo na fase histórica”. (Lanz, 1995, pág. 42)*

Paulatinamente, a percepção intuitiva foi cessando e gradativamente em seu lugar surge uma atividade pensante. Dando início ao que Steiner (2006) chama de Alma do Intelecto ou do Sentimento, que corresponde ao período desde 747 a. C. até 1413 d. C. quando a cultura Greco-Romana ou Latina se estabelece; bem como a Idade Média – berço da Letra Gótica. Nesse momento da Humanidade, a sua “*percepção do mundo de luz permanecia opaca*” (2006, pág. 209), e ela era capaz de, cada vez mais, perceber a realidade físico-sensorial, ficando a percepção extra-corpórea para depois da morte. Num contínuo, cada vez mais os seres humanos se afastavam desse plano e se tornaram senhores de si e da terra, individualizando-se<sup>15</sup>. “*Pela alma do intelecto o*

---

<sup>14</sup> Não podemos esquecer as contribuições dos povos da época como: Judeus, com sua cosmovisão; Babilônios (Assírios, Caldeus, Sumérios), com a obra literária “Epopéia de Gilgamesh” e a ciência astronômica e matemática e Egípcios, com seu calendário, escrita(papiro), geometria e cultura reencarnacionista.

<sup>15</sup> “Intelecto e Sentimento, embora sejam duas atividades anímicas completamente diferentes, têm em comum a premissa de um alto grau de interiorização. Para pensar sobre alguma coisa ou ter um sentimento a seu respeito, o homem deve – interiormente –distanciar-se dela e recolher-se em si próprio. A relação sujeito-objeto está implícita na nova atitude. No período da alma da sensação o processo de distanciamento apenas começara, percorrendo as primeiras fases. Havia ainda muita comunicação entre o homem e o mundo (inclusive o mundo do espírito), e a comunicação se fazia por meio de imagens

*homem veio a conhecer o mundo sob a forma conceitual*” diz-nos Lanz (1995, pág. 68). A forma de ser e de conceber na consciência humana havia se transformado e possibilitava aos homens de então outra relação com os eventos do mundo e consigo próprios. Assim, as interlocuções com as entidades suprassensíveis ficaram a cargo dos iniciados dos centros de mistérios que ainda cultivavam essa relação e detinham a capacidade de “...expressar no físico o espiritual de forma perfeita” (Steiner, 2006, pág. 206). Esses oráculos, por sua vez, exerceram grande influência nos processos humanos através da fruição da sua sabedoria para a produção de poetas, músicos, artistas e filósofos, especialmente gregos, e do processo de expansão territorial romana que difundiu o conhecimento armazenado e a organização societária a outros povos, especialmente no continente europeu.

A faceta ‘intelecto’ e a ‘sentimento’ encontraram no povo Grego o seu melhor equilíbrio nessa fase histórica, por sua inteligência ímpar e sensibilidade singular. Eles foram capazes de perceber uma ordem racional, ‘nous’ ou lógica intrínseca reguladora dos fenômenos, através de leis; e que esse mesmo princípio deveria ser intrínseco também ao próprio homem. “*Raciocinar significava ligar objetivamente os conceitos entre si, no intuito de emitir julgamentos*” (Lanz, 1995, pág. 69). Dessa premissa, advém outra: o conceito de moralidade interior, o homem passa a ser senhor e juiz de suas próprias ações, e as relações políticas se apartam da tutela cultural ou religiosa. Ao império Romano, coube a expressão plena dos conceitos de justiça a partir da legislação, do Direito<sup>16</sup>, que expressou a busca humana por maior autonomia na resolução de questões práticas do dia-a-dia, sem a interferência de entidades divinas. Dessa busca por liberdade, novas relações de convívio social foram estabelecidas e classes sociais apareceram (ex. plebe) e passaram a se movimentar politicamente, fato que construiu as bases sociais da futura Idade Média. O conceito de Universalização da comunidade, como ideal de liberdade e perfeição, também foi uma contribuição particular do mundo romano; tendo como base o princípio da igualdade entre todos os homens perante ‘Deus’, eles ofertaram bases fundamentais à doutrina da igreja cristã.

---

surgidas na mente humana” (Lanz, 1995, pág. 68).

<sup>16</sup> Novos termos são adicionados ao vocabulário humano como: ‘propriedade particular’, ‘liberdade contratual’, ‘sucessão’, ‘testamento’, ‘hipoteca’, etc.

O homem do quarto período pós-atlântico vive o princípio da dualidade em vários âmbitos: *'sujeito-objeto'*, *'corpo-alma'*, *'matéria-espírito'*. O processo de conscientização levou o homem daquele tempo a expressar, o que Lanz (1995, pág. 77) chama de *'Consciência Histórica'*, uma vez que data desse período o aparecimento dos primeiros Historiadores que elaboraram a cronologia dos povos e de personalidades (as biografias). O homem de então conquista o mundo pelo pensar, pela ciência, pela arte e pela organização estratégica – pela Razão. E, distinguindo-se da natureza, nomeia-se senhor de seus feitos, registrando-os para a posteridade.

Ao Grego antigo, esse distanciamento em termos sociais não se dá da mesma forma que aos Romanos; sentir-se grego era genuinamente pertencer à Polis, enquanto que, ao Romano, a referência é à cidadania Romana, num princípio muito mais expandido territorialmente, se lembrarmos o quanto o poder romano se estendeu pelo mundo conhecido até então. Mas, se voltamos no tempo, é ainda sob a influência da língua e cultura grega que oriente e ocidente se unem sob a conquista de Alexandre – o Grande. Ele universalizou a língua e a cultura grega através da fundação de academias e universidades, estabelecendo dessa forma as bases de interlocução tanto para o projeto expansionista romano, quanto para que, em pouco tempo, a *'Boa Nova'* pudesse ser expandida por todos os rincões conhecidos até então. Fato que, aliás, possui como instrumento de comunicação – a Língua Latina - concisa, lógica e precisa (como expressão da forma humana de pensar) – ela se tornou a língua das Ciências, da Filosofia e por mais de mil anos a língua da Igreja também.

Ainda na época da *'Alma do Intelecto'* os Celtas e os Germanos, povos contemporâneos dos Gregos e Latinos, diferentemente não são dados a intelectuais; originalmente, possuíam um caráter mais devotado ao sentimento, com profunda ligação com a natureza. Segundo Lanz (1997, pág. 63), essa característica harmoniosa se deve à riqueza e ao equilíbrio presente do seu mundo anímico interior. Assim sendo, poderíamos afirmar que o aspecto da *'Alma do Sentimento'* dessa época pós-atlântica predomina nesses grupos sociais. É no seio dessas civilizações que na Idade Média se desenvolve a música formalizada, com desenrolar do contato com os Romanos, com suas leis e organização político-social, e também por terem divulgado a arte e filosofia Grega e o Cristianismo, como religião e propósito de vida – desse contato é que se

desenvolveu neles a *'intelectualização'*. Segundo Lanz (1995, pág.126), esses povos, especialmente os germanos<sup>17</sup>, por serem jovens possuíam “...*sentimentos espontâneos, não enfraquecidos pela reflexão e pelo intelecto, ...associadas a uma rica fantasia e a uma criatividade, todas elas projetadas principalmente na poesia*”.

É nesse período, a partir da base Judaica – por seu individual e esperado padrão de responsabilidade comportamental humano, como atitude interior, e por seu caráter monoteísta - que ocorre o acontecimento crucial para a ‘religação’ dos seres humanos à realidade suprassensível: o *'Mistério do Gólgota'*. Esse “*impulso crístico bem compreendido atua de modo que a alma humana, após recebê-lo, sinte-se membro de um mundo espiritual, passando a conhecer e a agir como tal, ao passo que anteriormente estava fora dele*” (Steiner, 2006, pág. 293).<sup>18</sup> O processo de independência do homem em relação aos mundos espirituais estava em curso, ficando cada vez mais à mercê de forças adversas – Arimã e Lúcifer. Não podendo intervir diretamente sob as decisões humanas, o que contrariaria o princípio de autodeterminação humana, as entidades espirituais deram ao plano material o impulso necessário à espiritualização da humanidade através da materialidade corpórea do Cristo<sup>19</sup> - espírito de alta elevação que se doou para que o homem pudesse ter forças restauradas em seu percurso evolutivo, passando a atuar dentro do homem como Espírito da Terra. Esse importantíssimo evento delimitou a História humana, em antes e depois dele, não pela fundação de uma nova religião em si somente, pois que o evento se passa para todos os homens, independente da crença, mas pelo caráter paradigmático que norteia a busca humana pelo caminho, agora consciente e em amor, de retorno à perfeição original ao fim do presente ciclo terrestre. O processo de ‘cristificação’ da Terra se realizará plenamente de acordo com o progresso moral do homem. As forças adversas, anti-crísticas, sempre estiveram presentes no caminho de desenvolvimento da consciência e continuam a atuar para que o homem possa exercer o

---

<sup>17</sup> Povos Germanos importantes na queda do Império Romano: Visigodos (410 d. C.), Vândalos (409 d. C.), Burgúndios (400 d. C.), Ostrogodos (493 d. C.), Anglos e Saxões (450 d. C.), Lombardos (568 d. C.), Normandos (911 d. C.) e os Francos (também no mesmo século).

<sup>18</sup> Sugerimos a leitura aprofundada da obra de Steiner (1861-1925) para a compreensão detalhada do tema o Mistério do Gólgota, devido sua complexidade. Ver Steiner (2006, pág.212).

<sup>19</sup> Lanz (1995) sugere a leitura da obra de Steiner “O Cristianismo como fato místico” para o aprofundamento do tema.

seu livre arbítrio, por isso a verdadeira compreensão do Cristo ainda não se fez presente e existiram tantas diferenciadas interpretações para o fato.

Outro aspecto importante quanto ao Mistério do Gólgota, segundo nos relata Lanz (1995, pág. 114), é que ele preparou o despertar da Consciência Humana. No momento do acontecimento (que ocorre em plena época da 'Alma do Intelecto'), por seu distanciamento geográfico e pela 'dormência' mental dos homens de então, o fato crístico não pôde ser entendido de forma fidedigna e ampliada, o que deu margem a interpretações variadas e fabulosas.

A Idade Média representa o limiar dessas duas épocas culturais. A 'Alma da Consciência' desabrochou em meados do século XV. Esse quinto período pós-atlântico é decisivo para o futuro da humanidade; não por menos, desenrolaram-se muitos fatos históricos, ocorreu a sucessão de eventos envolvendo 'novas' civilizações e a valorização do registro escrito<sup>20</sup> e musical. Nessa nova época, o homem foi capaz de ter nova atitude perante si mesmo; cada vez mais individualizado ele foi capaz de se questionar e de se relacionar diferentemente com o campo espiritual, como que despertando num plano etérico com a realidade espiritual, assim nos diz Lanz (1995).

Em seu livro *"A Música e sua relação com o ser humano"* Marcelo S. Petraglia (2010, pág. 191) expõem o caso:

*"Como vimos anteriormente, o desenvolvimento do aspecto harmônico do século XII até o romantismo do séc. XIX tem a ver com o processo de interiorização e subjetivação do ser da música. Uma manifestação reveladora desse fato é o surgimento, justamente na época em que a música começa a manifestar uma dimensão vertical, da figura individualizada do compositor. Assistimos, ao longo dos séculos, à gradual encarnação do impulso musical e à transformação da música divina em música humana".*

---

<sup>20</sup> Esse dado é relevante à nossa pesquisa, pois a Escrita – e a Imprensa, por consequência – doravante assumem papel importantíssimo na fundamentação de valores sociais e políticos, na manutenção de dados históricos e científicos, bem como na projeção artística das ideias, uma vez que os processos de transmissão dos arquétipos humanos por meio da oralidade, tão comum e fundamental em épocas anteriores, se tornam cada vez mais raros em função do crescente racionalismo e tecnicismo.

Petraglia inclusive aponta transformações musicais pertinentes à essa materialização musical e a íntima relação entre o fato musical e o próprio desenvolvimento da consciência humana, sendo elas : o nascimento da vivência da 3ª, a conseqüente estruturação do sistema harmônico, a encarnação profunda do ritmo medido e a elaboração racional das formas musicais (o que se estruturaria na forma da sonata); e o principal: a música passa à condição de posse individual de um ser humano que colhe para si o prestígio de sua criação e, também o lucro financeiro que ela possa gerar.

Não nos cabe aqui, a essa altura da 'história', relatarmos pormenorizadamente todos os acontecimentos que levaram à queda do Império Romano e ao surgimento da Idade Média em si. Desse conteúdo, há muito escrito e bem elaborado. O que nos cabe é ressaltar alguns fatores importantes que expressam o pensamento humano àquela época. Vejamos, ao contrário do que popularmente se diz a Idade Média, comparada a outros momentos históricos, esta não pode ser designada de 'época das trevas' (por mais que tenha sido sangrenta e repleta de heresias), uma vez que foram séculos de profundas movimentações e transformações internas. Se pudéssemos fazer uma imagem, é como se uma grande massa de pão tivesse atingido a sua periferia de crescimento no auge da expansão e poderio Romano e agora forças externas continham seus limites e outras forças internas fermentavam o seu interior. Nessa 'receita histórica', conseguimos enxergar, nas Invasões 'Bárbaras' e no desabrochar da Cultura Islâmica<sup>21</sup>, os limites criativos que impregnaram novos valores ao encontro cultural e, na Força Cristã crescente, o fermento atuante interiormente. É claro que os desequilíbrios político-financeiros e os valores corruptos da má gestão do Estado por seus imperadores contam muitíssimo para a sucessão do ocorrido. A complexidade dessa fase histórica nos impede de relatá-la fidedignamente, houve muitos interesses em jogo, a permanência e a transformação de idéias (cristãs x pagãs, o aparecimento do *amor cortês*<sup>22</sup>), territórios (feudos), funções (plebe, artesãos, cavaleiros) poderes (Papas e Reis), tudo estava em jogo num momento em que a humanidade ainda se reconhecia individualmente. Tanto é que, somente após esse período de 'fermentação', surgiram as

<sup>21</sup> Lanz (1997, pág. 131) demonstra quais forças espirituais atuam no plano religioso, político e intelectual dessa civilização; demonstrando assim a importância histórica dele para o desenvolvimento da alma da consciência humana.

<sup>22</sup> Cantado pelos cancioneiros e menestrelis de então, essa forma 'espiritualizada' de amor foi perpetuada pela escrita poética. Muitos desses textos, assim como os religiosos, foram grafados em Letra Gótica.

primeiras modernas sociedades, já na próxima época pós- atlântica: da Consciência, na qual ainda nos encontramos.

Sabemos a essa altura do estudo que as mesmas forças, ‘boas’ e ‘más’, que permitiram à humanidade expressar-se conscientemente, mantêm-se atuantes na atualidade. Gostaríamos de ressaltar a tarefa humana: desenvolver o Eu, a consciência, o livre arbítrio e, sob a inspiração crística, espiritualizarmo-nos. Esse propósito tem nas forças Luciféricas e Arimânicas fortes oponentes; se, por um lado elas contribuem para o avanço material e na criação nos mais diferenciados meios de expressão do pensamento humano, como artes, ciência e tecnologia; por outro, absorvem homens inadvertidos a estados cada vez mais materializados, afastando-os de seu caminho redentor, com irracionalismo e ilusões de um lado – ‘conteúdo’- e da intelectualização e abstração – ‘forma’ - por outro.

*“Todo o processo descrito, do período greco-latino até a época atual, mostra-se como deve ocorrer essa transformação e por que o início da evolução se deu em direção ao futuro. O que se preparou como sabedoria através das evoluções saturnina, solar e lunar atua nos corpos físico, etérico e astral do homem, manifestando-se como ‘sabedoria do mundo’; no eu, porém, ela se interioriza. A partir do estado terrestre, a ‘sabedoria do mundo’ converte-se em germe do amor. A sabedoria é a precondição do amor; o amor é o resultado da sabedoria renascida no eu.” (Steiner, 2006, pág. 297).*

Para o futuro espera-se que o homem desenvolva por vontade própria, por liberdade, as transformações necessárias à espiritualização da Terra, com plena consciência e amor. Steiner (2006) nos diz que são essas as premissas, uma vez que o mundo espiritual se mantém atuante em favor desse desenvolvimento, e principalmente essas condições já nos foram ofertadas pelo sacrifício do Cristo. Segundo diz Lanz (1997, pág. 72) *“a Antroposofia quer fomentar essa consciência e despertar as contra-forças”*, por se identificar com os genuínos preceitos cristãos. Nesse sentido, a própria Antroposofia pode ser considerada um fenômeno histórico essencialmente cristão, estando a serviço do desenvolvimento humano em vários campos de atuação<sup>23</sup>,

---

<sup>23</sup> Através de iniciativas inspiradas no conhecimento antroposófico, os conhecimentos de Rudolf Steiner podem ser percebidos em várias vertentes de atuação humana: pedagogia, medicina, agricultura

sob a égide de Michael<sup>24</sup>. *“Compreendendo a evolução humana dentro do contexto espiritual, ela considera a si própria como expressão legítima de nossa época, tanto como Filosofia da Liberdade quanto sob forma de Ciência do Espírito”* (Lanz, 1995, pág. 214).

Mediante o exposto, não há dúvidas quanto à imensa e importante tarefa da Pedagogia para o desenvolvimento pleno das habilidades inerentes ao ser humano e no equilíbrio das dimensões do pensar, do sentir e do querer. A etapa histórica da Terra na qual nos encontramos, no sentido que estudamos, exige um comprometimento em favor da superação dos obstáculos que dificultam a espiritualização da Terra e de seus habitantes. Steiner nos alerta sob essa imposição evolutiva:

*“Estarão maduras para as circunstâncias seguintes ao próximo grande cataclismo aquelas que tiverem criado, justamente na transição do quinto para o sexto período pós-atlântico, a possibilidade de impregnar os conhecimentos supra-sensíveis com as forças do intelecto e do sentimento”.* (2006, pág. 294)

Cada ação pedagógica não pode dispensar dessa compreensão maior de desenvolvimento humano, a fim de garantir uma coerência com os recursos metodológicos e os princípios de desenvolvimento humano em sua biografia. Por isso, o nosso interesse por descobrir em que medida o auto desenvolvimento musical e a atuação do professor de classe podem auxiliar o desenvolvimento do jovem Ser Humano.

## **O Contexto Pedagógico e a Música**

Ao estudamos um pouco mais a didática da pedagogia Waldorf veremos um currículo que interliga organicamente todas as disciplinas, ano a ano, fazendo relações. Atingir agilidade mental, volume qualitativo de repertório, bom desenvolvimento no movimento corporal qualificado no fazer manual, como uma síntese refinada e

---

biodinâmica, arquitetura, euritmia, música, etc.

<sup>24</sup> Micael é a entidade espiritual líder da nossa época, desde 1879, em favor da espiritualização da humanidade.



consciente de um trabalho pedagógico, demanda um percurso interdisciplinar muito bem feito ao longo dos anos escolares. E isso diz respeito ao campo musical também.

O caminho pedagógico perpassa o conhecimento da alma humana. Steiner (2003, pág. 61) enumera dimensões que são ativadas quando exercitamos sadiamente os elementos curriculares, a saber:

Homem- espírito: Resolução;

Espírito vital: Intenção;

Personalidade espiritual: Desejo (aspiração);

Alma da consciência, Alma do intelecto e Alma da sensação: Motivo;

Corpo das Sensações: Cobiça,

Corpo Etérico: Impulso; e

Corpo Físico: Instinto.

Se no primeiro setênio, nos diz a bibliografia antroposófica, o ser recém encarnado adquire um corpo físico e desenvolve o corpo etérico pela imitação do adulto e do ambiente em seu derredor, que deve ser consagrado à Bondade, à segurança e à garantia do pleno desenvolvimento das instâncias de seu desenvolvimento: andar, falar e pensar. Nos primeiros anos escolares a criança deseja e necessita aprender e conhecer o mundo, sociabilizando-se com os seus pares de idade a princípio. Seu ser cheio de vitalidade necessita ser direcionado corretamente para o saudável desenvolvimento do corpo astral. O Professor de Classe torna-se então o ser capaz de descortinar as Belezas do mundo, dando forma e autoridade para o segundo setênio, e por sua postura ele é então reverenciado, amado. Para o terceiro setênio o papel do professor é o de desvendar a Verdade do mundo; sua postura deve se adequar para tutorar a descoberta do jovem sobre as causas e consequências das ações no mundo.

A música nesse perfil deve possibilitar a vivência 'pentatônica' no primeiro setênio através do canto afinado de trabalho e devoção dos 'professores jardineiros' e da

presença do cântale como instrumento harmonizador dessa proteção anímica necessária aos pequeninos.

Para o segundo setênio as forças devem se transformar em Beleza Sonora através do estudo musical com apoio das flautas. Através delas se desenvolvem, dentre outras habilidades:

a coordenação motora fina;

a audição e a respiração;

a vontade, para a qual Steiner (1998, pág. 63) nos orienta desenvolvê-la através da repetição, repetição, repetição, dando-nos a indicação didática para o trabalho com a música;

a capacidade de concentração e de socialização;

também é nesse período que a criança toma posse do conteúdo histórico/cultural/musical humano e pode harmonizar o seu temperamento (melancólico, fleumático, sanguíneo e colérico) com o encontro com os naipes de instrumentos de orquestra a partir do 'rubicão'.

Os âmbitos do Pensar, Sentir e Querer de forma integrada são bastante favorecidos pela prática musical no segundo setênio. Outra premissa para o trabalho é a qualidade que o elemento artístico tem de alegrar o homem não só uma vez, mas sempre e de novo, o que confere ao trabalho o ritmo respiratório anímico adequado, permeado pela possibilidade do salutar humor. Canalizar essa energia de forma sadia, com beleza, consciência e prática, eleva a Humanidade também a outros patamares importantes, se observarmos o desenvolvimento espiritual humano, não somente nessa atual encarnação, mas em todas as demais vindouras. O que se desenvolve em nível individual tem seu impacto no coletivo.

A demanda do terceiro setênio visa impulsionar o jovem ao trabalho conjunto, e para tal o conhecimento da história musical humana e o trabalho em grupo, seja em

corais e orquestras ou grupos musicais, são espaços para o maior conhecimento do jovem de suas potencialidades e responsabilidades sociais.

Outro aspecto do qual Steiner não abre mão quando trata do ensino ao jovem é quanto à necessidade de desenvolvermos *indivíduos livres* capazes de realizar, por consciência e vontade, atividades verdadeiramente humanas; o exercício contínuo em prol de atingir a beleza inerente à música exige do jovem esse despertar para as obras genuinamente humanas. *Tocar e cantar é essencialmente atividade humana prática*. Sem os artifícios ilusórios da modernidade o jovem desperta para a produção humana real. Como vimos sob a lente biográfica, no curso Antropomúsica, a aproximação do fim do segundo setênio, em que a criança se aproxima da adolescência e é atingida pelas forças astrais, ela se sensibiliza pelo mundo.

*“... com a puberdade nasce, para a livre atuação do ser humano, justamente o que constitui seu corpo astral .... É pelas propriedades fundamentais do corpo astral que o ser humano se familiariza com tudo o que, por intermédio da humanidade, invade artificialmente a evolução humana.” ( Steiner, 2008, págs. 245 e 246).*

A música é um instrumento precioso na condução desta ‘astralidade’ nascente e por isso mesmo em algumas escolas, germinam nessa fase os grupos musicais, os quartetos, as orquestras, quando o jovem sob a tutela de regente, podem experimentar as emoções que a música proporciona em grupo, num exercício social inicial.

Importante ressaltar que não podemos perder de vista a compreensão das demandas de nossa época cultural; com uma forte tentativa de dissolução do envolvimento manual do homem, com os elementos primordiais da produção cultural através da automação e a mecanização dos processos de produção. Essa situação representa as forças ‘adversas’ à espiritualização do homem, nos termos de Steiner<sup>25</sup> (1998). O mesmo pensador descreve como função dos Educadores contraporem-se a essa desintegração cultural e espiritual.

---

<sup>25</sup> Ver Ciência Oculta.

Segundo Petraglia (2010) a música pode combinar o elemento pedagógico e o terapêutico, *“integrando grupos, ajudando a resolver conflitos, desenvolvendo a criatividade e uma visão ecológica do mundo...evitando as barreiras comuns e revelando e aprimorando novas competências”*(pág.206). Inclusive estudos, como os de Armin Husemann (2012), cada vez mais demonstram a sutil relação entre a música e o ser humano.

Cabe ao educador ser plenamente consciente dessas dimensões ao realizar o seu trabalho. *“...não basta organizar o ensino de acordo com as relações humanas comuns; é preciso estruturá-lo a partir da compreensão do homem interior”* (Steiner,1998, Pág. 26).

### **Currículo escolar Waldorf, ano a ano - a classe e a música**

O ensino na pedagogia Waldorf pressupõe algumas características formativas ano a ano; assim tem-se o desejo global de desenvolver gradualmente nas crianças o pensar o sentir e o querer. Para tal cada ano escolar é dotado de características singulares que permeiam todas as disciplinas, conforme nos relatam Tobias Richter (2002) e Rudolf Steiner (1999). Os objetivos específicos de cada ano escolar são:

**1º ano:** Transformar desejo e vontade através do movimento; estabelecer a veneração e o respeito aos professores; apresentar os elementos consonantais, vocálicos e matemáticos; estabelecer a unidade de classe, como grupo. Tudo imerso ao espectro dos contos de fadas. O currículo Waldorf, resumidamente prevê para a área musical os seguintes conteúdos nesse ano escolar: Canções sobre os contos de fada, canções folclóricas brasileiras (cirandas) e canções das festas cristãs e natureza (se possível na *escala pentatônica*). Formação da voz e do ouvido. Parlendas; ritmo com movimento do corpo. Kântele e flauta soprano (como instrumento a ser introduzido), além do uso de instrumentos de percussão. Valorização do som e do silêncio. Criação de hábitos musicais.

**2º ano:** O foco no 2º ano é o desenvolvimento da relação de sensação à emoção. Bem como o treino da memória e da organização inteligente da vontade. O desejo maior é o auxílio à vida volitiva da criança. Musicalmente, no 2º ano são apresentadas canções com polaridades – forte/piano, rápido/lento, grave/agudo etc. Canções sobre lendas e fábulas, bem como as folclóricas brasileiras lúdicas e próprias para a idade. Escala pentatônica; bem como a vivência de pulsação, acento e subdivisão. Valorização do silêncio e a harmonização social da classe; assim, concentração, respeito, treino de percepção são estimulados especialmente com a flauta.

**3º ano:** É aqui no 3º ano que ocorre a transição primordial entre o brincar e o trabalhar. Também é o momento em que a polaridade bom e mau se apresenta fortemente e a criança sai do mundo de sensação para o de sentimentos. A moralidade é um sentido forte nesse ano escolar. A bondade como transformadora das qualidades do coração é o impulso maior do professor a fim de encaminhar as crianças, e a si mesmo, no movimento de simpatia (ordem viva das coisas) e antipatia (caos e conceitos abstratos). A Harmonização e a beleza são dois outros componentes nessa transformação. Espera-se que no 3º ano: no campo musical apresenta-se às crianças a passagem para a escala diatônica. Modo Dórico, salmos e hinos. Tons da escala de *DÓ*. Ritmo com figuras longas e curtas. Compreensão dos elementos do ritmo: pulsação, acento, ritmo. Início da leitura a partir de uma linha. Vivência no corpo: duração e movimento ascendente e descendente. Introdução de instrumentos: metalofones, xilofones e percussão um pouco mais complexa. Histórias como a de Jubal, as do povo hebreu, de Davi e seus Salmos, tão próprias do terceiro ano, podem servir como pano de fundo para as atividades musicais.

**4º ano:** Nessa fase a respiração é importante e a criança ainda precisa da força das imagens para compreender os impulsos de seu coração e harmonizar as suas ações corporais. Por isso a criança deve ser estimulada a ser útil. Em pleno “rubicão” a criança se vê em uma crise enigmática que a faz duvidar e questionar o mundo e as pessoas à sua volta; cabe ao professor compreender esse momento e com muita habilidade envolver os indivíduos sem perder a noção de grupo, harmonizando-os. No 4º ano os valores de tempo/harmonia e a 3ª maior e menor devem ser introduzidas; tocando-se

além da oitava, em Cânticos, fazendo a Leitura de música pelas notas e propondo a adaptação das exigências da música enquanto arte.

**5º ano:** A individualidade se acentua aos 10 anos; a harmonia corporal e a pulsação respiratória dão ao ser uma satisfação consigo próprio, pois o corpo está hábil às atividades rítmicas, aos jogos, à dinâmica artística com gestos amplos e em movimento. As palavras de ordem nesse ano são a expressão da alegria, da harmonia e da beleza, assim como na Grécia antiga. O objetivo é promover na criança a Sentimento de ser um grego ao fazer a música grega. Bem como o de sentir-se um brasileiro explorando sua regionalidade. Envolto nessa atmosfera histórica tão rica a música no 5º ano apresentará Canções nos Modos Gregos, Cânticos a 2 e 3 vozes, Canções folclóricas e regionais brasileiras, Escalas até 3# e 3b, Ditados melódicos, Escalas gregas, Percussão corporal até 4 vozes, Cruzamentos, Ritmos de danças brasileiras, Exercícios de leitura exaustivamente, Solfejo, além de Incentivar estudo de instrumentos de orquestra, começando-se pelo estudo da flauta contralto (e para algumas crianças a sugestão de estudo particular da flauta transversal ou outros instrumentos de sopro, por estarem com os pulmões bem mais desenvolvidos) e de Coral.

**6º ano:** Agora a puberdade começa a desabrochar e tudo muda: o corpo, os sentimentos, as relações; temporariamente a beleza e a harmonia descoberta a pouco no ano anterior se escapa e tudo parece meio perdido e desajeitado. Essa turbulência pode gerar desequilíbrios que devem ser vistos com sabedoria e cuidado pelos professores. Assim sendo musicalmente as Canções inspiradas em Roma e as Canções latino-americanas são apresentadas. E são trabalhados os Ditados melódicos e o Reconhecimento de 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, bem como de todas as escalas maiores. Ritmos como os latino-americanos, os sincopados e com contratempos são introduzidos. Também o compasso composto, solfejo, ditados rítmicos e melódicos. Oficialmente a flauta contralto é introduzida, se já não fora no ano anterior. Também deve-se trabalhar a noção de coral e orquestra, utilizando-se canções que permeiem o currículo escolar, para a apropriação dos sentimentos regionais e históricos, sendo ora romano ora latino-americano.

**7º ano:** O entusiasmo, o orgulho e a alegria tomam novo fôlego nesse momento escolar. É quando devemos canalizar toda essa energia para o trabalho em grupo, para a realização de trabalhos artísticos em conjunto, visando um público que acolha com carinho essa iniciativa inicial. A música num 7º ano se apresenta assim: com a exploração de Canções brasileiras, hinos pátrios, canto gregoriano, canções trovadorescas e do Renascimento (*Ars Nova*). A busca é por ressaltar o trovador que existe na alma juvenil. Para tal, todos os intervalos e as vivências de 8ª e de 4ª escalas menores e cromáticas são introduzidos. Vivências de instrumentos antigos, coro e orquestra devem ser incentivados. Mantém-se os ditados rítmicos, os solfejos e ditados melódicos. Acrescentando-se a flauta em Fá e em Dó. Pode-se também apresentar a biografia de músicos e a história de óperas; esses dois devem andar em paralelo ao conteúdo tratado em história, assim como os Cantos africanos, que podem seguir a linha do estudo de história ou geografia, dando uma unidade nos conteúdos apresentados.

**8º ano:** A adolescência inicia-se e com ela um ser mais acordado intelectualmente, capaz de realizar mais e ávido por conhecer o mundo, seus mecanismos, suas leis e dinâmicas. O contato direto com a vida prática é o caminho para o perfeito juízo da lógica. Cabe aos professores orientar a força juvenil com vistas ao equilíbrio. Os impulsos de igualdade, liberdade e fraternidade devem ser estimulados nos jovens doravante especialmente através da prática musical em grupo. As flautas contralto, tenor e soprano são utilizadas em grupo; e quiçá a flauta baixo para os que conseguirem dominá-la. A escrita e a leitura são mantidas e aprimoradas, com vivência dos intervalos através da prática e do julgamento musical. Mantém-se também a apresentação de biografia de músicos e da história de óperas e concertos (inclusive com encenação de trechos), bem como os Cantos africanos. Acrescentando o conhecimento da música oriental e formas musicais. O estudo de Harmonia também é bem pertinente de ser iniciado nesse ano escolar. No 8º ano a inter relação entre o conteúdo tratado em história e geografia com a música é bem relevante. Dessa maneira a Idade Moderna, com seus expoentes são apresentados: Barroco – com 2 e 3 vozes - Bach, Haendel, Vivladi, Coulli; e Classicismo: Mozart, Haydn e Beethoven. Além da Idade Contemporânea (Romantismo e Realismo). Iniciar o estudo da história da música brasileira, apresentando o Barroco mineiro e compositores desde Padre José Maurício, passando por Carlos

Gomes, Villa Lobos e os Nacionalistas da Semana de 22 até os contemporâneos da MPB.

O **9º ano** escolar, último ano do ensino fundamental pela legislação Brasileira, está ligado à organização do ensino médio no currículo Waldorf, pois segue o princípio de subdivisão do ensino em setênios. O jovem com 14 anos possui características de desenvolvimento que necessitam de dinâmicas apropriadas, uma vez que a busca nesse período biográfico que se inicia é pelo verdadeiro no mundo, agora o jovem junto a seus pares de idade buscará agir no mundo, dessa forma a figura do professor de classe é sobreposta pela figura do tutor da classe e o currículo musical buscará tratar o conteúdo com atividades teóricas e práticas coletivas como coral, bandas/ conjuntos e/ ou orquestras, quando possível; sempre ampliando os horizontes teóricos e práticos musicais.

## **Os Professores e a Música**

Os argumentos anteriores sobre a organização e o valor da música, para a Pedagogia Waldorf, na perspectiva Antroposófica, revela-nos o quão séria deve ser tratada a mesma, não permitindo que no contexto escolar, sob a pressão inconsciente de eventos e apresentações especiais, a música perca sua verdadeira motivação e seja tratada como mera exposição pública de talentos estudantis. A música traz em si potencialidades formativas e curativas da alma humana; não pode ser tratada nesse contexto escolar, somente como forma de expressão cultural e técnica, bem ao gosto competitivo materialista dos nossos dias atuais.

Todos os professores são chamados à reflexão consciente sobre o assunto. O Professor de Classe, para se apropriar tanto da parte técnica/instrumental – garantindo a si maior domínio e liberdade no trato musical, diminuindo com isso a probabilidade de incorrer em erros e desatualizações metodológicas junto aos alunos, garantindo um fluxo da programação curricular em música em parceria com o professor de música; também abrindo a possibilidade de compreender a atuação musico-terapêutica em seus alunos. A tradição estética por apresentações públicas dos alunos ao longo do ano devem estar



imbuídas da consciência do fundamento Antroposófico musical e do processo técnico/didático escolhidos para esse fim, e não somente de forma rasa para preencher a vaidade escolar. Assim procedendo, o Professor de classe imprime qualidade ao seu fazer musical, tendo elementos para informar aos pais sob a importância das práticas a cada fase escolar e auxilia os colegas músicos na difusão de uma cultura musical coerente na escola. Ele garante a si mesmo ferramenta de auto transformação.

Em minha pesquisa com professores de música de escolas Waldorf pelo país, colegas do curso Antropomúsica, eu pude colher preciosas sugestões concretas sobre práticas musicais viáveis aos professores de classe com o intuito de reforçar em seu ritmo matinal as práticas ou conteúdos já ministrados por eles em suas aulas avulsas. Todos são unânimes quanto ao valor da parceria entre o colegiado a fim de garantirem desde o início do ano, com antecedência, em planejamento coletivo compondo os objetivos para cada classe, as sugestões de repertório musical pertinente a cada época e festas/ teatros do ano ou matérias. Esses encontros idealmente devem se tornar semanais, para a continuidade de avaliação e reavaliação do processo e como possibilidade de assessoria conjunta, uma vez que nesses momentos o professor de classe também, por sua vez, pode repassar as suas impressões ou sugestões didáticas ao professor de música para um melhor trabalho com a sua classe ou aluno(s) em específico.

Outra sugestão para uma integração maior é a de, quando em vez, os professores assistirem às suas aulas: ora o de classe assiste às do professor de música para se inteirar dos conteúdos musicais e da metodologia aplicada para a apresentação dos mesmos, ora o de música visita os ritmos das épocas, por exemplo, se apropriando assim da forma da classe, conhecendo os alunos e se fazendo conhecer. Os alunos percebem e acolhem essas iniciativas honestas e cooperativas. Esses esforços de superação das dificuldades permeiam as suas almas juvenis transformando-se em exemplos morais – alimentos imprescindíveis em nossa era.

A todos os entrevistados, pela experiência, fica notório o quanto o desenvolvimento musical das turmas está atrelado ao interesse do professor de classe sobre a prática musical. Ou seja, mesmo que o professor de classe tenha limitações em seus

conhecimentos técnico-musicais, mas se empenha por proporcionar uma rotina/repetição musical com os alunos: seja cantando (o mais afinadamente possível, especialmente nos 4 primeiros anos escolares; para tal o professor de classe deve cuidar da saúde de sua voz e audição!), tocando flautas e instrumentos de percussão, estimulando a audição do silêncio, exercitando corporalmente ritmos, criando letras e melodias com os alunos para as atividades e teatros, reforçando a postura e a respiração correta para tocar e cantar; esse professor efetivamente estará ampliando as possibilidades de desenvolvimento musical de seus alunos; uma vez que em apenas dois encontros por semana com as classes é muito difícil exercitar o que foi ensinado, dizem os professores especialistas. A apropriação dos conteúdos musicais se dá pela prática estabelecida pelo Professor de Classe.

Alguns argumentos finais se prestam também aos professores músicos. Qualidade musical, com coerência filosófico/didática e na escolha de repertório, difusão de cultura musical e encaminhamentos terapêuticos ou de estudo específico de instrumentos de orquestra, conforme temperamento da criança, como sugestão aos pais e quando se fizerem necessários são tarefas dos professores de música. É de se pensar se não estaria também como sua função a orientação musical dos professores de classe, uma vez que é o mestre musical da escola por excelência. Essa prática ainda não é comum, varia conforme o nível do vínculo profissional e afetivo entre as partes.

Construir um caminho social mais criativo, produtivo e fraterno é possível. Com conhecimento, em liberdade e vontade os professores podem optar por trocas construtivas. Cada parte tem elementos a compartilhar; se o professor de classe, de modo geral, não domina os aspectos técnico-pedagógicos próprios do currículo musical, o professor de música, por sua vez, pode desconhecer os parâmetros da pedagogia e do currículo ano a ano nas demais disciplinas e também não ter tempo hábil para estabelecer um vínculo mais profundo com as turmas pormenorizadamente. Não há como mensurar esses níveis de entendimento e envolvimento. Só há a oportunidade de transformação a partir da consciência e veneração das possibilidades de desenvolvimento do ser humano.

## **Conclusão**

*“O que mata um jardim,  
não é  
Abandono...  
O que mata um jardim é esse olhar  
Vazio,  
De quem por ele passa indiferente.”*  
Mário Quintana.

Podemos aproximar a confecção deste Trabalho de Conclusão do Curso Antropomúsica à tarefa de tramar os pensamentos sobre um tema. O nosso fio condutor foi a Música. Em princípio, esboça-se uma composição para o tema, mas o estudo apresenta novas e intrigantes possibilidades de combinações e o processo transmuta-se em variadas nuances de acordo com a disponibilidade de material para a sua execução. É importante relatar sobre a dificuldade em tratar um tema tão subjetivo. Tivemos para isso, que nos apoiar na reflexão Antroposófica sobre o desenvolvimento humano e da criança e o currículo escolar no campo musical pela Pedagogia Waldorf. Com isso, não podemos garantir um aprofundamento denso em nenhum deles. Os mesmos seguem como sugestões aos interessados pelo assunto para uma leitura mais específica posteriormente.

**Parceria, Respeito e Diálogo** foram as palavras que mais ouvi em minha pesquisa informal sobre o meu tema, quando consultei colegas professores, tanto de classe quanto de música. Pareceu-me a princípio o primordial a ser observado, mesmo não sendo esse o objetivo original do estudo. Por que tais palavras foram tão ressoadas? De onde vem tal descontentamento? Como estabelecer esses princípios? Parceria, respeito, diálogo estão a princípio no âmbito das relações sociais. Mas o meu foco está na

qualidade de ensino. Como propor então essa conexão entre as três palavras e o meu objetivo?!

Em minhas reflexões e estudos percebi que essa conexão só é possível tendo como base duas outras condições primordiais: a primeira, **Vontade**; a segunda, **Conhecimento**. E ambos só se fazem também em equilíbrio; una-se o conhecimento, no caso: *Musical* e sobre *Pedagogia Waldorf*, digo *Antroposofia*, ao desejo genuíno pela realização de um fazer pedagógico transformador e teremos resultados fortes e duradouros. Além disso, a união do conhecimento recíproco e da vontade por trabalhar juntos promove a união entre pessoas, que podem se conhecer mutuamente e se apoiar como colegas, como parceiros que sabem se respeitar e auxiliar, à medida que cada um sabe onde e quando se fará mais oportuna a sua presença.

O que observei é que, de forma genérica e sem dados concretos computados, por motivos variados temos uma dicotomia no ambiente escolar no campo musical. Por um lado, uma predominância de professores de classe com nenhum ou pouco conhecimento teórico musical e pouca habilidade instrumental desenvolvida, se esforçando em não desafinar nas canções das épocas e em apresentar ou manter o estudo inicial da flauta soprano o quanto conseguem, até que a sua classe, com o auxílio do professor de música possa ampliar o seu espectro de instrumentos, lá pelo 3º e 4º escolar, e seguir sem o seu estímulo direto; no caso das escolas que contam com a presença do professor de música continuamente. Porém, esse grupo de profissionais tende ao conhecimento um pouco mais amplo, não necessariamente profundo, sobre a filosofia e prática da Pedagogia Waldorf e Antroposofia, especialmente os que possuem formação na área ou se mantêm reciclando-se em encontros de estudo nas escolas ou em cursos periódicos. Bem como tem o desafio de apreender e dar conta de uma demanda escolar diferenciada que vai desde os conteúdos programáticos para cada ano escolar, administração da classe como um todo e de suas demandas sociais, além de participação na gestão da escola.

A outra parte, a dos profissionais em música, tem uma dinâmica bem variada. Por diversas questões pessoais ou objetivas da dinâmica econômica ou pedagógica das escolas, esses professores tendem a ser mais inconstantes nas escolas. Também,

dependendo dos níveis que a escola atende - jardim, grau ou ensino médio – o número desses profissionais e as suas especialidades variam; assim os seus encontros com os colegas são mais escassos e os seus objetivos são mais específicos e pouco compartilhados. Outras particularidades do ensino Waldorf é que por conta do currículo, com o *Ensino de Cordas* e das aulas de *Euritmia*, há a necessidade de profissionais específicos que dominem as cordas e acompanhem ao piano as práticas em euritmia. Como essas aulas são específicas e diminutas no contexto geral da escola, quase sempre esses profissionais, talvez mais do que outros, são bem rotativos, não se fixando na rotina da escola, ou seja, não participando das reuniões pedagógicas e de estudos, quase sempre aparecendo à comunidade nos momentos de apresentações específicas. O desafio desse profissional (perdoem-me o trocadilho!) está em ser “*multiuso*”! Ou seja, atender a uma variedade de salas, cada qual com uma constelação anímica; fornecer os elementos formativos da teoria e da prática musical ano a ano de forma a preparar os alunos para os próximos professores de música que por ventura venham ter seja no ensino de cordas, numa possível orquestra ou coral lá no ensino médio. Sem contar as apresentações anuais em todos os níveis, o preparo musical dos teatros, a participação da gestão da escola também. O diálogo, a parceria já deveria ocorrerem de forma orgânica e gradual com o grupo de professores da área de música da escola, quando essa acolher os três níveis de ensino, pois há um fluxo temporal no ensino de música que não se pode perder de vista.

Como vemos, as duas categorias possuem uma demanda complexa de saberes e tarefas. Simplista seria, e é muitas vezes, cairmos no discurso de queixumes e acusações do que cada parte não fez e deveria ter feito. Isso é consenso! O nobre é olharmos para as diferenças e respeitarmos as possibilidades de intercâmbio que pode ocorrer; é estabelecermos metas e projetos comuns antes mesmo do ano escolar se iniciar; conversarmos, revermos planos em conjunto ao longo do processo. É especialmente significativo quando nos voltamos para o princípio que nos diferencia como proposta pedagógica: a Antroposofia. Não há como levarmos o título de “Escola Waldorf” sem nos debruçarmos honestamente à reflexão dos fundamentos da mesma, do conhecimento do desenvolvimento humano nessa perspectiva e das escolhas dos conteúdos e práticas nas épocas ano a ano para cada faixa etária, também na perspectiva musical. Aos professores, cabe, como exigência fundamental ao exercício da

profissão nessa base filosófica, ter a postura de “...veneração ante as possibilidades de desenvolvimento do que a criança, em sua bagagem anímico-espiritual, traz para o mundo”. (Steiner, 2008, pág. 21). Para não incorreremos no caminho da repetição de experiências anteriores sem a devida reflexão, sem a verdadeira “Liberdade” que nos fala Rudolf Steiner. Todo nosso esforço é por, compreendendo os elementos didáticos numa dimensão espiritual por trás do fenômeno, estabelecer metas e ações que possibilitem a formação livre de nossos alunos, *por amor e consciência de nosso impulso espiritual criador*. O princípio educacional segundo Steiner (2008, pág. 21). “...nasce do ideal de posicionar o ser humano no mundo de modo que ele possa desenvolver sua liberdade individual”.

Aos professores, como um todo, cabe o esforço por sua espiritualização. Como já vimos, a espiritualização do homem se fará por seu próprio esforço. Steiner (2006, pág. 295) nos diz:

*“Ora, essa espiritualização aparece, em última instância, como resultado da harmonia que, no quinto e no sexto períodos da evolução atual, o homem estabelece entre as adquiridas forças do intelecto e do sentimento e os conhecimentos dos mundos supra-sensíveis. O que ele elabora no interior da alma deverá tornar-se, por si, mundo exterior”.*

A cada um uma tarefa. Ao professor de classe cabe, entre outras coisas, a disponibilidade de auxiliar o professor especialista na condução da sala, uma vez que representa o Eu da sala. Assim como o professor de classe ao se propor conhecer mais sobre música<sup>26</sup> e sobre o conteúdo musical programado para cada ano escolar assume parte dessa transformação pessoal; que resulta na possibilidade, acima de tudo, de se tornar um bom exemplo aos seus alunos, a *autoridade amorosa*, um reflexo de sua busca por autotransformação. O mesmo se dá ao professor de música quando se imbui da profundidade que há em cada gesto rítmico e na dinâmica pedagógico/escolar como um todo e de cada classe em particular. Não se trata de imposição, mas de uma

---

<sup>26</sup> Ou qualquer outro conteúdo programático em profundidade, matemática, ciências, astronomia, história, geografia, línguas... Em cada conteúdo a algo a ser vivificado e conhecido por nós, que nos modificam conforme nos aprofundamos neles.

realidade espiritual maior. Cada qual ao seu tempo despertará para as nuances dessa transformação.

Parece óbvio, mas notadamente em minha pesquisa verifiquei que o rendimento das turmas, musicalmente falando, melhora conforme o nível de relacionamento que se estabelece entre os professores envolvidos. O processo de desenvolvimento musical dos educandos reflete o grau de conhecimento mútuo e de auxílio estabelecidos entre os docentes. Uma vez que o professor de classe de modo geral não domina os aspectos técnico-pedagógicos próprios do currículo musical e o professor de música, por sua vez, pode desconhecer os parâmetros da pedagogia e do currículo ano a ano nas demais disciplinas e também não ter tempo hábil para estabelecer um vínculo mais profundo com as turmas pormenorizadamente. Não há como mensurar esses níveis de entendimento. Cada “constelação” de docentes é única em suas habilidades e dificuldades; assim sendo, só em liberdade e vontade os indivíduos podem optar por construir um caminho social mais criativo, produtivo e fraterno.

---

Eu me sinto muito grata por esta oportunidade de estudo. Ele moveu em mim a curiosidade por tantos ‘mistérios’ muitas vezes óbvios, mas que precisam ser descortinados, observados, para o pleno desenvolvimento pessoal inclusive. Saio do processo enriquecida e desperta para a realidade humana e para nossos desafios contemporâneos. Devo garantir que o uso em toda a pesquisa do discurso em terceira pessoa não desqualifica a aluna e escritora, os meus reais sentimentos pessoais sobre o tema ou o processo. Genuinamente me senti em nós, Seres Humanos, descobrindo o assunto; achei mais humilde de minha parte colocar as idéias que, de certa maneira, não me pertencem mesmo, como sendo algo que se permitiu ser revelado pelo meu trabalho tecelão de tantos estudiosos nobres que discorreram tão melhor e aprofundadamente sobre o assunto, especialmente Rudolf Steiner. Senti-me gratificada por eu mesma construir uma tentativa de ligar os fios do conhecimento e da consciência que norteiam a

leitura e a compreensão do trabalho. Espero tê-lo feito de forma clara e mais didática possível, para o bom entendimento do conteúdo e das limitações em um aprofundamento maior.

Concluo este trabalho com uma orientação de Steiner (2006, pág. 297):

*“ ... Eis o mistério de toda a evolução futura: o Conhecimento, e também tudo o que o homem realiza com base na verdadeira compreensão da evolução, é uma semente que deve amadurecer como Amor. E quanto mais Força de Amor surgir, tanto mais impulso criador será providenciado para o futuro. Naquilo que nascerá do amor residirão as intensas energias que conduzem ao resultado final da espiritualização, descrito acima. E quanto mais Conhecimentos Espirituais afluírem para a evolução humana e terrestre, tanto mais existirão germes vitais para o futuro. O Conhecimento Espiritual, por sua própria natureza, se transforma em Amor”.*



## **Bibliografia**

*“Mas os livros que em nossa vida entraram  
São como a radiação de um corpo negro  
Apontando para a expansão do Universo  
porque a frase, o conceito, o enredo e o verso  
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)  
É o que pode lançar mundos no mundo.”*  
Caetano Veloso.

DIAS, Lucinda. Problemas de aprendizagem: procedimentos pedagógico-terapêuticos nas dificuldades de encarnação. Antroposófica, 2ª edição. São Paulo, 1995.

BERTALOT, Leonore. Aprender com crianças. Coleção Criança Querida. Associação Comunitária Monte Azul. Editora Dualgraf. São Paulo.

GALITESI, Célia Regina Lulo. O dente à imagem do homem, Odontologia integral à luz da Antroposofia. São Paulo: Antroposófica: Instituto de Odontologia Integral Antroposófica, 2011.

HUSEMAN, Armin. A harmonia do corpo humano – princípios musicais na fisiologia humana. São Paulo: Editora João de Barro, 2004.

KOLLERT, Günter. A origem e o futuro da palavra: teoria da linguagem segundo Goethe e Rudolf Steiner. Antroposófica. São Paulo, 1994.

LANZ, Rudolf. Noções básicas de Antroposofia. 4ª edição. Antroposófica. São Paulo, 1997.

LANZ, Rudolf. A Pedagogia Waldorf – caminho para um ensino mais humano. Antroposófica, 6ª edição. São Paulo, 1998.

LIEVEGOED, Bernard. Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência. Tradução Rudolf Lanz. Antroposófica. São Paulo, 1994.

PETRALIA, Marcelo. - A Música e sua relação com o ser humano. Botucatu: OuvirAtivo - Editora, 2010.

PROKOFIEFF, Sergej O.. O que é Antroposofia. Tradução de Sonia Setzer. João de Barro Editora. São Paulo, 2006.

PROKOFIEFF, Sergej O.. Os Mistérios dos Pastores e dos Reis à luz da Antroposofia. Tradução Rudolf Wiedemann. Sociedade Antroposófica do Brasil. São Paulo.

RICHTER, Tobias. Objetivo Pedagógico e Metas de Ensino de uma Escola Waldorf. Federação das Escolas Waldorf no Brasil. São Paulo, 2002.

SCHILLER, Friedrich. A Educação Estética do Homem. Editora Iluminuras, 4ª edição. São Paulo, 2002.

SMIT, Jörgen. O Ser Humano em Devir, aprofundamento meditativo do educar. Tradução Sérgio Correa. Federação das Escolas Waldorf do Brasil. São Paulo, 2003.

STEINER, Rudolf. A Arte da Educação I – o estudo geral do homem: uma base para a pedagogia. Tradução de Rudolf Lanz. Antroposófica. São Paulo, 2003.

STEINER, Rudolf. A Arte da Educação II – Tradução de Rudolf Lanz. Antroposófica. São Paulo, 2003.

STEINER, Rudolf. A Arte da Educação III – Tradução de Rudolf Lanz. Antroposófica. São Paulo, 1999.

STEINER, Rudolf. Os primeiros anos da infância. FEWB. São Paulo, 2006.

STEINER, Rudolf. A prática pedagógica segundo o conhecimento científico-espiritual do homem. Tradução Christa Glass. Antroposófica e Federação das Escolas Waldorf no Brasil. São Paulo, 2000.

STEINER, Rudolf. A Arte de Educar baseada na compreensão do ser Humano. Tradução de Maria do Carmo Sousa F. Lauretti. Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 1ª edição. São Paulo, 2005.

STEINER, Rudolf. A Ciência Oculta: esboço de uma cosmovisão supra sensorial. Tradução de Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. Antroposófica, 4ª edição. São Paulo, 1998.

STEINER, Rudolf. A configuração do destino no estado de sono e de vigília, A espiritualidade da língua e a voz da consciência. Sociedade Antroposófica no Brasil. São Paulo, 2003.

STEINER, Rudolf. Educação na puberdade: o ensino criativo - duas conferências pedagógicas, proferidas aos professores da Escola Waldorf Livre de Stuttgart, em 21 e 22 de junho de 1922. Antroposófica, 2ª edição. São Paulo, 1996.

STEINER, Rudolf. História da Arte, reflexos e impulsos espirituais. Tradução Moacyr Mendes de Moraes e Jorge Hosoni. Antroposófica, 1ª edição. São Paulo, 2010.

STEINER, Rudolf. O Desenvolvimento Saudável do Ser Humano: uma introdução à pedagogia e à didática antroposóficas. Tradução de Rudolf Wiedemann, Rosemarie Schalldach e Jacira Cardoso. Federação das Escolas Waldorf no Brasil. São Paulo, 2008.

STEINER, Rudolf. Pedagogia, arte e moral. Tradução Christa Glass. João de Barro Editora, 1ª edição. São Paulo, 2008.

STEINER, Rudolf. Para a estruturação do ensino do 1º ao 8º ano nas Escolas Waldorf – Projeto Pedagógico elaborado pela Seção Pedagógica do

Goetheanum e pelo Centro de Pesquisas Pedagógicas da Federação das Escolas Waldorf Livre. Tradução Rudolf Lanz. Edição pela Federação das Escolas Waldorf do Brasil. São Paulo, 1999.

VIERL, Kurt. Rítmos do aprender. Tradução Sergio Correa. Federação das Escolas Waldorf no Brasil. São Paulo, 2003.

WALTER, Bruno. A atuação ética e moral da música. Botucatu: OuvirAtivo-Editora, 2003.

WERBECK- SVARDSTROM, Walborg. A escola do desvendar da voz: um caminho para a redenção na arte do canto. Tradução Jacira Cardoso...[ et al.]. Antroposófica, 2ª edição. São Paulo, 2004.

ZIMMERMANN, Heinz. Forças que impulsionam a educação. Tradução de Sergio Correa. João de Barro Editora. São Paulo, 2008.